

Administrador só crê em documentação

Interpelado a respeito de um possível erro na data de criação do Distrito de Brazlândia o administrador regional da cidade-satélite, Humberto Denucci, respondeu que "qualquer discussão neste sentido deve ser realizada à luz de documentos". Acrescentou que como estudante de História gostaria de saber como se chegou ao ano de 1933, e não 1932, os nomes das pessoas que concluíram por esta data e como. Ele diz que há alguns anos, à entrada da satélite, havia um marco com os dizeres "Brazlândia, 1933", posteriormente retirado.

Intrigado com a hipótese, adianta que seria muito importante ter conhecimento de quem buscou a fonte e disse isso, ao mesmo tempo em que acha ótimo alguém pesquisar o tema, já que

isso demonstra que alguns habitantes mais antigos do lugar se surpreenderam com a possibilidade de a cidade ter 51 anos e não 50, segundo a versão extra-oficial. "Um ano não faz diferença no decorrer do tempo, porque a partir de 100 a 200 anos não se marca mais anos, e sim séculos", pondera.

— A busca da verdade, o grande trabalho de todo aquele que deseja reconstituir a História ou a memória de um lugar, é dever de todos e do Governo do Distrito Federal, enquanto há tempo. Sugiro ouvir o tenente Públio de Souza, que era o intendente na época e assinou o Decreto, para tirar as dúvidas existentes e situar a data definitiva.

Humberto Denucci aproveita a

oportunidade para conchamar Brasília e as demais cidades-satélites no sentido de preservarem os documentos históricos. Inclusive louva a preocupação da Secretaria de Educação em preservar a memória do Distrito Federal. "É simples preservar prédios, através de fotografias ou não, mas de documentos não se está cuidando como se devia", conclui. Humberto, como prova disso, conta que durante as comemorações do cinquentenário de Brazlândia encontrou certa dificuldade em levantar os nomes de seus ex-subprefeitos e prefeitos.

"No Brasil, as pessoas rasgam os papéis, ofícios, sem darem o valor devido e guardarem com carinho", garante. Para apontar, em seguida, que o avanço tecnológico permite, mais do que nun-

ca, esta preservação, enquanto há tempo, por meio de xerox. A partir deste sistema se torna bem mais fácil o trabalho. Mas a realidade brasileira é bem outra. Em cidades do interior — dizemos nós — onde a cultura e o passado quase não têm importância, diante das primeiras necessidades básicas, os cuidados são praticamente inexistentes.

Em Luziânia, por exemplo, que não é mais considerada uma cidade interiorana por causa do crescimento, o livro precioso não foi encontrado facilmente. Estava depositado no fundo de um armário, folhas desprendendo-se e fragmentando-se. Tanto que Joaquim Gilberto arriscou um conselho ao prefeito — procurar urgentemente um restaurador.